

ANÁLISE BIOCRONOESTRATIGRÁFICA FUNDAMENTADA EM FORAMINÍFEROS DO TALUDE CONTINENTAL INFERIOR NORTE DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL

Adelino da Silva Ribeiro Neto¹; Tânia Maria Fonseca Araújo¹; Helisângela Acris Borges de Araújo.¹

¹ Grupo de Estudo de Foraminíferos (GEF) – UFBA

RESUMO: O período Quaternário é caracterizado por fortes mudanças climáticas, com alternância de períodos glacial e interglacial, seguido de um período interglacial atual. Dentre os vários organismos sensíveis às variações climáticas, os mais utilizados são os foraminíferos. No testemunho SAT-03, coletado defronte do município de Mata de São João (≈1440m de profundidade), foram analisadas 18 amostras e identificadas sete subzonas: Y5, caracterizada pela alta frequência de *Goborotalia truncatulinoides* e *Bolivinita quadrilatera*, presença de *G. crassaformis*, *Bolivina albatrossi* e plexo *Cibicidoides*, baixa frequência de *B. alata* e ausência de *B. lowmani* e dos plexos *G. menardii* e *Pulleniatina*; Y4, com apogeu de *G. crassaformis*, aumento do plexo *Cibicidoides*, frequência de *G. truncatulinoides* e *B. albatrossi*, queda da frequência de *B. quadrilatera*, baixa frequência de *B. alata* e ausência de *B. lowmani* e dos plexos *G. menardii* e *Pulleniatina*; Y2 com a queda da frequência de *G. truncatulinoides*, *G. crassaformis* e plexo *Cibicidoides*, frequência de *B. alata* e *B. albatrossi*, ausência de *B. lowmani* e dos plexos *G. menardii*, *Pulleniatina* e desaparecimento de *B. quadrilatera*; Y1B caracterizado pelo aumento progressivo de *G. truncatulinoides*, a queda da frequência de *G. crassaformis*, *B. alata*, *B. albatrossi*, além do surgimento dos plexos *G. menardii* e *Pulleniatina*, mas com baixa frequência; Y1A constituída pelo aumento dos plexos *G. menardii* e *Pulleniatina*, alta frequência de *G. truncatulinoides*, baixa frequência do plexo *Cibicidoides* e ausência das espécies *G. crassaformis*, *B. alata*, *B. albatrossi* e *B. lowmani*; subzona Z2 caracterizada pela maior frequência dos plexos *G. menardii* e *Pulleniatina*, surgimento de *B. lowmani*, baixa frequência do plexo *Cibicidoides* e ausência relativa de *G. truncatulinoides*, *G. crassaformis*, *B. alata* e *B. albatrossi*; e subzona Z1 marcada pela estabilidade da frequência dos plexos *G. menardii* e *Pulleniatina*, presença das espécies *B. lowmani*, baixa frequência do plexo *Cibicidoides* e ausência de *B. alata*, *B. albatrossi*, *G. truncatulinoides* e *G. crassaformis*. Não há registro das espécies bioindicadoras da subzona Y3, o que indica um hiato deposicional. Sugere-se que, ao norte do Estado da Bahia as espécies bentônicas *B. alata* e *B. albatrossi* limitem a zona Y, a *B. lowmani* limita a zona Z, enquanto que *B. quadrilatera* enquadra-se como constituinte da subzona Y5. Baseado na distribuição das espécies ao longo do testemunho SAT-03 foi possível sugerir uma taxa de sedimentação de, aproximadamente, 5 cm/ano⁻¹ nas subzonas Y4 e Y5, na base do testemunho, passando para 3,2 cm/ano⁻¹ até o limite Y2 e caindo para 2,7 cm/ano⁻¹ em Y1B. Com o aquecimento global, a taxa de sedimentação no final do Pleistoceno aumentou para 10 cm/ano⁻¹ em Y1A (zona Y), em seguida diminuiu e estabilizou-se em 7,2 cm/ano⁻¹ no Holoceno (zona Z). Assim, observa-se que as espécies bioindicadoras sugeridas por Vicalvi (1999) podem ser utilizadas com precisão no talude norte baiano, associadas às espécies bentônicas *B. alata*, *B. albatrossi* e *B. lowmani*.

PALAVRAS CHAVES: BIOCRONOESTRATIGRAFIA; FORAMINÍFEROS; TALUDE CONTINENTAL